

LETRAMENTO DIGITAL: desafios para o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita para os Surdos

Patrícia Maria Paula S. DÁvila Pires ¹

Ana Claudia Rocha Tomagnini Igurrola ²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Resumo

O presente artigo indaga: Por que as mídias digitais são consideradas instrumentos facilitadores da apropriação da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua-L² dos surdos? No processo investigativo, buscou-se analisar bibliografias específicas baseadas na concepção socioantropológica e no uso adequado das mídias digitais, dentre as quais pode citar: Quadros (2007), Skliar (2003), Fernandes (2003), Moran (2006) Basso (2003) e outros. O presente trabalho objetiva investigar as razões das mídias digitais serem consideradas instrumentos facilitadores na apropriação da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua dos surdos. A metodologia aplicada fundamentou-se na Pesquisa-Ação, numa abordagem qualitativa, na qual os dados coletados foram predominantemente descritivos, surgidos dos relatos da professora de L² sobre as suas experiências no letramento de surdos através do uso das mídias digitais e da observação *in locu*. Os resultados, apesar de serem inconclusos, apontaram para o ensino da L², parte-se da pedagogia da Surda que valoriza e reconhece a língua de sinais como língua natural dos Surdos. Estas evidências refletem a compreensão da surdez no CAP Aurélio Pires na perspectiva da diferença linguística, além de apontar possibilidades de enfrentamento dos desafios encontrados nos percursos escolares dos alunos surdos.

Palavras-chave: letramento, mídias, surdez, língua de sinais.

¹ Pedagoga, especialista em Planejamento Educacional, Psicopedagogia, Educação Especial com ênfase em Surdez, vice-diretora e Coordenadora Pedagógica do Centro de Apoio Pedagógico C. L. Aurélio Pires, pós-graduanda do curso de Mídias em Educação- UESB. E-mail: patriciapauladavila@hotmail.com

² Orientadora do curso de Mídias em Educação –UESB, Professora Assistente do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –UESB, Mestre em Memória Social e Documento - UESB/UNIRIO Doutoranda em História da Medicina pela Universidad de Salamanca – Espanha. E-mail: anacitrica@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, as questões que envolvem o letramento tem sido palco de diversas discussões. Isso se deve a relevância do letramento para o homem na sociedade, no exercício da sua cidadania, subjetividade e consciência de si mesmo como sujeito sociocultural-histórico, tornando-o capaz de se transformar através das experiências proporcionadas pela leitura e escrita para a compreensão, a crítica, a interpretação, enfim, para produzir conhecimento significativo e, isso o possibilita atuar na sociedade transformando a sua realidade.

Na perspectiva histórico-cultural, o processo de letramento, representa a produção de sentido da leitura e da escrita, que está atrelado às experiências do sujeito. Assim, esse processo é uma construção permeada pelas interações sociais, no que diz respeito à questão da formação do surdo letrado na constituição da sua identidade que se estabelece durante o processo de aprendizagem no espaço escolar e através dessa aprendizagem o sujeito Surdo constroi, muda, inova, transforma, contradiz.

Após a promulgação da lei nº 10.436 em 2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a educação dos surdos no Brasil constitui-se uma temática relevante entre profissionais que discutem os processos de letramento e as práticas pedagógicas de leitura e escrita construídos com esses sujeitos, que interagem no universo dos surdos e no dos ouvintes. Já existe um reconhecimento da existência de uma cultura ouvinte presente na fala, na escuta, na leitura, mas que existe, também, a cultura dos surdos que se expressa através da língua de sinais, da expressão corporal e do olhar.

Não se pode perder de vista que o desenvolvimento de uma metodologia de ensino deve estar de acordo com a necessidade do aprendiz, considera-se, portanto, que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua que deve ser utilizada como apoio para a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita, por esta ser a língua que o surdo compreende, interpreta e se insere no mundo.

Nesse contexto, o uso das mídias digitais emerge com um instrumento que pode contribuir para o processo de letramento dos Surdos como forma de aquisição do conhecimento, ou seja, adquirir a leitura e a escrita através de um recurso mais dinâmico e atrativo. Daí passar-se-á a denominar “letramento digital e midiático”, o qual se refere ao sujeito que se apropria da nova tecnologia digital, da leitura e da escrita através de computador e outras mídias.

Desse modo, por que as mídias digitais são consideradas instrumentos facilitadores da apropriação da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua dos surdos? Outras questões norteiam a presente pesquisa: Como o uso das mídias digitais pode contribuir para o processo de letramento dos alunos Surdos nos Centro de Apoio Pedagógico - CAP? Como se desenvolve o processo de apropriação da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua para os surdos? Qual a metodologia que melhor se aplica no letramento dos alunos surdos? A intenção dessa pesquisa é investigar as razões das mídias digitais serem consideradas instrumentos facilitadores na apropriação da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua dos surdos; além de analisar o desenvolvimento do processo de apropriação da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua para os surdos e; verificar porque as mídias digitais são consideradas instrumentos facilitadores do letramento dos surdos.

Nesse ínterim, tem-se evidenciado uma preocupação quanto a grande incidência de surdos "não letrados" e acredita-se que as interfaces com as mídias digitais podem contribuir para a aquisição da Língua Portuguesa na Modalidade Escrita dos alunos surdos usuários da Língua de Sinais (primeira língua). Diante da incidência de alunos surdos não-letrados constata-se que a metodologia utilizada por alguns professores não tem sido a adequada. A cultura surda, ou seja, o fato de serem usuários da Língua de Sinais difere daquela do ouvinte (usuários da língua oral), mas merece atenção, pois ambas possuem riqueza em detalhes. Desse modo, o tema escolhido está voltado para a problemática do letramento dos surdos por meio das mídias digitais.

A relevância do tema Letramento Digital: desafios para o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita para os Surdos se evidencia na tentativa de superação da incidência de “não letrados” surdos atendidos no Centro de Apoio Pedagógico Aurélio Pires. Este estudo auxiliará a prática pedagógica dos professores do CAP e das escolas regulares e bem como

ajudará na inclusão social dos alunos surdos para a garantia do acesso aos bens socioculturais do mundo ouvinte.

2. Caminhos para o Letramento Digital dos Surdos

A partir de meados do século XX iniciaram-se os movimentos mundiais das comunidades surdas na busca de uma educação bilíngue, que valorizasse sua língua, sua cultura e sua identidade. Estas reivindicações estão alinhadas ao movimento mundial vivenciado nessa época na luta pelos direitos humanos (individuais e coletivos) de todos os grupos. Vários países independentes, mulheres, homossexuais, negros, indígenas, e tantos outros grupos minoritários estavam envolvidos nos Movimentos Sociais. (BRASIL, 2010)

Nesse contexto, os estudos sobre a educação das pessoas surdas saem dos discursos da medicina e associam-se a uma nova área de conhecimento, os Estudos Culturais, postulados por Suart Hall (2011) que, como o nome já enfatiza, formam um campo de pesquisa na área da cultura em seu sentido socioantropológico, porém reservado aos debates das sociedades industriais contemporâneas que enfocam temas como gênero e sexualidade, identidades, pós-modernidade, multiculturalismo e globalização.

No que se refere aos surdos, a Libras torna-se oficialmente uma Língua, que como qualquer língua oral, torna-se específica da comunidade surda em cada país. Deixa também de ser uma língua ágrafa, pois com a ampliação dos estudos sobre a escrita de sinais, o SignWriting, emerge como uma escrita virtual, viabilizada pelo uso de computadores. (SUTTON, 2006)

Mas apenas a partir da década de 80, que os Estudos Surdos passaram a ganhar um espaço expressivo, no Brasil, sobretudo, no contexto escolar, no qual reafirma o papel da língua de sinais no processo de desenvolvimento sociolinguístico e cognitivo do surdo, a partir do ensino bilíngue. (QUADROS, 2006)

Para Sánchez (apud, FERNANDES, 2003, p. 73), o biliguismo³, especificamente no que diz respeito aos surdos, implica “no acesso pleno à língua de sinais como primeira língua, representando o elemento fundador de sua subjetividade na constituição de sentidos sobre o mundo e acesso ao conhecimento”. Ao assegurar a línguas de sinais, o aprendizado de outras línguas ocorrerá muito mais em função da necessidade de interação significativa com o meio social do que pela imposição de uma proposta da escola.

De acordo com Fernandes (2003) alguns estudiosos da área denominam a situação linguística envolvendo o português para os surdos não como bilinguismo, mas como aprendizado de segunda língua (L2), uma vez que, segundo a autora,

O bilinguismo dos surdos assume um caráter 'induzido', já que das duas línguas em questão apenas uma pode ser adquirida - a língua de sinais - o que pressupõe que a outra - a língua portuguesa - deverá estar submetida a um processo formal de ensino/aprendizado, mediado por uma instituição escolar. (2003, p. 74)

O processo de apropriação da escrita para os surdos diverge da dos ouvintes. Segundo Silva (2001, p.48) “a língua que o surdo tem como legítima e usa não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuo-manual, portanto muito diferente do oral-auditivo.” Nessa perspectiva, a aprendizagem da escrita para os surdos, representa a aprendizagem de uma segunda língua, que se mostra em uma modalidade diferente da sua primeira língua. Enquanto que para os ouvintes, refere-se simplesmente ao aprendizado de uma diferente modalidade da mesma língua.

No processo de alfabetização de crianças e jovens não-surdas é comum que a prática dos professores superestimem as propriedades fonéticas da escrita, expondo-as a um sistema de transcrição da fala. As crianças não-surdas, que pensam e se comunicam visuo-espacialmente, através da língua de sinais, encontram, assim, dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita alfabética, já que não estabelecem uma relação entre a letra e o som, uma vez que o caráter simbólico da escrita, com estrutura e funcionamento diferenciam totalmente da oralidade.

Nessa perspectiva, não se trata de alfabetizar surdos, mas de possibilitar o conhecimento e a apropriação da escrita da Língua Portuguesa como sua segunda língua (L²) para empregá-la

³ Corroboro com Fernandes (2003) quanto à denominação do bilinguismo em termos individuais e não a sua acepção relacionada às comunidades de fala.

em suas relações sociais. Assim, considera-se o termo Letramento⁴ mais adequado. Nota-se que o processo de letramento para os Surdos, bem como a construção de hipóteses e estabelecimento de relações de significação entre surdos e ouvintes possui etapas distintas.

O modelo ouvintista⁵ adotado pelos professores alfabetizadores e imposto aos alunos surdos é considerado “um dos principais condicionantes que coloca as crianças surdas em desvantagem em seu processo de aprendizagem da escrita do português” (FERNANDES, 2006, p. 7). Observa-se que na maioria das vezes, os encaminhamentos metodológicos que envolvem os alunos surdos são utilizados os mesmos recursos e estratégias da alfabetização de crianças e jovens ouvintes.

Desse modo, pode-se inferir que não basta uma metodologia de ensino de segunda língua para atender as especificidades da comunidade surda, mas a introdução de uma Pedagogia Surda⁶ com um sistema educativo próprio.

Aprender o português, nesse sentido, demanda um processo de natureza cognitiva (para o surdo) e metodológica (para o professor) que difere totalmente dos princípios que a literatura na área do ensino de português como língua materna tem sistematizado, nos últimos anos. (FERNANDES, 2006, p. 6)

Sabe-se que o ensino da língua portuguesa é o grande entrave na educação dos surdos e a principal razão da evasão escolar. Contudo, o uso das mídias digitais traz novos elementos que altera dinâmicas sociais e amplia a relação dialógica entre professor e aluno e pode contribuir para consolidar o ensino da L².

Desse modo, é essencial que se crie de um ambiente midiático que favoreça aos surdos a apropriação da L² como uma ferramenta pedagógica de interação social. Gonnet (2004) enfatiza que o aluno que participa de processos de produção de mídia na escola aprofunda o diálogo entre as gerações. Para ele, essas atividades favorecem, logo, “uma pedagogia da troca

⁴ “Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita.” (SOARES, 2001, p.18).

⁵ Ouvintista/Ouvintismo é definido por Skliar (2001, p.15) como “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.

⁶ Refere-se ao desenvolvimento natural como usuário da língua de Sinais sem interferência da oralidade. Construindo assim a sua Identidade Surda. [...] Referência maior é o valor da Língua, hoje no Brasil se reconhece a Libras e ainda não temos uma Pedagogia Surda em ação. (VILHALVA, 2004, p. 2)

onde a escola contribui para a construção positiva das identidades, favorece descobertas e incentiva o respeito, ou seja, ela responde às expectativas” (GONNET, 2004, p. 90).

Levy (2008) reforça que as mídias e tecnologias intelectuais representam elementos que reconstituem e transformam a ecologia cognitiva dos indivíduos, que promove a construção de novas estruturas mentais. As mídias digitais passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, envolvendo-as. Para alguns, elas tem estagnado a potencialidade e a criatividade, mas na educação tem sido uma aliada, defende-se, portanto, o trabalho em ambiente digital que possibilite o desenvolvimento das capacidades dos sujeitos em termos de autoconstrução.

Percebe-se, em algumas escolas, que a língua de sinais está sendo utilizada mais como uma língua de tradução de conteúdos oficiais do que uma língua que produza significados, que seja protagonista em práticas discursivas, que produza e transmita cultura. Esta artificialização leva ao desenvolvimento de excelentes copistas, sem capacidade leitora de compreensão do texto, ou seja, amplia-se a dificuldade de acesso ao texto escrito, à interpretação do texto. (LEBEDEFF, 2007, p. 3)

Apesar da reivindicação pela introdução da língua de sinais na escola para a garantia de um acesso de qualidade à cultura escrita para os surdos, este acesso ainda viabilizou-se eficazmente. O grande questionamento advém de como esta língua de sinais tem sido trabalhada na escola. Qual seu papel diante das atividades de leitura e de escrita na escola?

Ramos (1999, apud, LEBEDEFF, 2007, p. 4) revela a negação quanto à capacidade linguística oral do aluno, bem como a capacidade linguística em sinais de alunos surdos. Desse modo a escola tem desenvolvido práticas que promovem apenas a decodificação de palavras que, desvaloriza a capacidade produtora de textos e de significados da língua de sinais. São práticas que focam a leitura e escrita do texto em português, deixando a língua de sinais como um simples apoio, ou seja, “uma ferramenta a serviço da língua majoritária” (KARNOPP, 2005, p.66)

Desse modo, pode-se constatar que o letramento bilíngue é um aliado nesse processo, pois facilita ao surdo usufruir do mundo da leitura e da escrita, presente nos livros, periódicos, jornais, internet, assim como o universo da “fala” de sinais. A variedade de recursos visuais (como a Televisão e vídeo, os aparelhos de fax, os celulares que possibilitam o envio de mensagens escritas, mobis, pagers, bips, correio eletrônico, uso da web-cam, dentre outros), como animação de imagens e sinais gráficos, tornam as mídias digitais e de tecnologias

intelectuais de muito fácil compreensão para o surdo, visto que a língua com que se comunicam (a língua de sinais) é uma língua espaço-visual.

Apesar muitos surdos dispensarem os avanços na área da medicina, fonoaudiologia e de reabilitação, a maioria reconhece as diversas oportunidades apresentadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, em especial a Internet. É evidente que as propostas educacionais apesar de estarem diametralmente opostas convivem em todos os setores da sociedade. Observa-se uma gama de recursos tecnológicos disponíveis, que se relaciona tanto aos objetivos da educação e centros de reabilitação da fala e da audição, quanto aos dos próprios movimentos surdos que assegura a manutenção de sua língua, de sua identidade e de sua cultura.

Vale salientar que a integração das mídias digitais nos processos educacionais parte da compreensão das seguintes dimensões, segundo Belonni (2001, apud. BASSO, 2003, p.121): como “ferramenta pedagógica”, no âmbito da comunicação educacional; e como “objeto de estudo” no campo da mídia-educação ou educação para as mídias. Assim, o letramento digital e midiático visa não apenas a aquisição da escrita por meio das mídias, como simples ferramentas tecnológicas, mas a formação de receptores /usuários críticos e autônomos que, através de uma metodologia adequada e recursos visuais, descobrem e criam suas próprias mensagens e respostas às mídias digitais.

3. As mídias digitais como elementos dinâmicos na apropriação da L².

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, esta pesquisa aborda as práticas de letramento dos alunos surdos para os quais a língua de sinais emerge como língua natural e grande possibilidade de acesso e desenvolvimento da linguagem a partir do uso das mídias digitais. Com a intenção de identificar as estratégias aplicadas pela professora de L² na aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para os surdos. A presente pesquisa aplicou uma metodologia qualitativa de natureza etnográfica, na prática escolar, realizada no Atendimento Educacional Especializado - AEE para pessoa com surdez do Centro de Apoio Pedagógico do município de Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo Baiano. Vale salientar que o projeto foi desenvolvido para o curso de Mídias em Educação,

promovido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Programa de Educação à Distância.

A técnica que a presente pesquisa se valeu foi a da observação das aulas, com o registro das experiências relatadas pela professora quanto ao processo de letramento dos alunos surdos, seguido de entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano letivo de 2012. Durante a entrevista identificou-se que a professora tem formação para atuar na no ensino da Língua Portuguesa como segunda Língua, Licenciada em Letras com especialização em Libras, possui uma visão socioantropológica da surdez, considera importante que os alunos surdos adquiram a língua de sinais nos primeiros anos de vida, para que ao ingressar a escola possa estar apto a aprender a Língua Portuguesa como segunda Língua.

O desenvolvimento linguístico do surdo acontece quando ele adquire a Língua de Sinais o mais cedo possível, sendo esta sua primeira língua e adquirida em contexto de uso comunicativo. Assim, desenvolve precocemente seu potencial linguístico, tornando-se apto ao aprendizado de uma segunda língua, no caso dos surdos brasileiros, a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, possibilitando o domínio pleno da linguagem. (OLIVEIRA, 2012, p. 4)

Outro aspecto relevante na entrevista foi quanto as principais dificuldades encontradas no contexto escolar, mais especificadamente, relacionadas ao ensino da leitura e escrita de alunos surdos. Para a professora de L² a principal barreira encontrada está na privação de receber informações que possibilitam o desenvolvimento da comunicação, uma vez que a maioria das crianças ingressa tardiamente na escola sem ter adquirido a língua de sinais, que é sua língua natural. A professora ainda aponta para a questão da falta do envolvimento familiar na educação escolar de crianças surdas como outra dificuldade, pois a maioria das crianças pertence à família de ouvintes, existindo naquele contexto familiar, uma barreira na comunicação. Esses aspectos fazem com que a pessoa com surdez afaste-se do meio escolar, familiar e social. Fernandes (2004) destaca que os alunos surdos constantemente são isolados do convívio com o ouvinte nas suas manifestações em Língua de Sinais e discriminados nas produções acadêmicas em Língua Portuguesa.

As principais dificuldades enfrentadas pelos alunos surdos estão na assimilação de conteúdos devido à aquisição tardia da Língua de Sinais e na estruturação das propostas educacionais. Percebe-se que os alunos com surdez muitas vezes são prejudicados pela falha na compreensão e/ou de encaminhamentos inadequados ao desenvolvimento do potencial

cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e cultural, vivenciando preconceitos instituídos no meio em que vive e na sociedade.

No entanto, nota-se que a professora de L² favorece a aprendizagem de uma segunda língua, que amplie a comunicação, o significado das palavras escritas e promove o desenvolvimento e a aprendizagem para a inclusão dos bens socioculturais. Para ela, o uso das mídias digitais como ferramenta pedagógica pode auxiliar no Letramento dos surdos, pois dispõe de recursos visuais, de informações escritas que substituem as orais com larga vantagem, além de eliminar qualquer preconceito ou discriminação, os surdos se sentem aceitos e não excluídos de um mundo sonoro, também se ampliam as possibilidades de comunicação (via e-mail, chat, mensagem de vídeo, etc.).

Sem dúvida, a Internet representa um das ferramentas eletrônicas mais eficientes de contato com a língua escrita, expandindo o vocabulário e atribuindo novos significados aos signos. Internet é um agregador das comunidades surdas espalhadas pelo país e pelo mundo que favorece a interação entre diversas nacionalidades e possibilitando a união para reivindicação de seus direitos. (BASSO, 2003)

Fez-se relevante, durante a entrevista, focar na metodologia utilizada para o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para os alunos surdos, pois se percebe a necessidade de uma metodologia diferenciada, que favoreça o desenvolvimento da sua afetividade e facilite a sua aprendizagem. A professora de L² ressalta que é importante um professor ouvinte que saiba Libras para que possa comunicar-se satisfatoriamente com seu aluno, no entanto é imprescindível a presença do instrutor surdo em sala, porque “além da comunicação, ambos compartilham da identidade surda”.

Corroborar-se com a ideia de que a presença de um professor ou instrutor-surdo seja necessária, pois este pode cooperar para facilitar a harmonia entre o professor-aluno, além do mais o professor/instrutor-surdo é usuário natural da língua de sinais, portanto são referenciais significativos para a constituição de identidades que se reconheçam como diferentes e não como deficientes e/ou inferiores aos ouvintes. Daí que, comunga-se da ideia do bilinguismo e de que as crianças possam iniciar sua escolarização junto a outros colegas surdos e com professores que saibam a língua de sinais, preferencialmente surdos.

Relacionado ainda à questão da metodologia para o ensino da L², a professora salienta que os tipos de atividades bem como os recursos didático-pedagógicos a serem desenvolvidos em sala de aula devem partir da metodologia de língua estrangeira, por ser a língua natural dos surdos a Língua de sinais, portanto considera como prática “a pedagogia da diferença para o surdo”, a qual, segundo Rangel e Stumpf (2004), o surdo é visto como uma diferença e propõe o resgate do sujeito surdo como uma pessoa completa.

Desse modo, destaca-se a Pedagogia Surda, que vem sendo discutida por autores como Perlin (2006), Strobel (2008), um modelo que se opõe ao modelo ouvintista, que ignorou por muito tempo a diferença surda. Essa proposta rompe, segundo as autoras, com o âmbito teórico da educação de surdos promulgado pelos ouvintistas, resgatando a emancipação cultural dos surdos, a subjetividade dos surdos, a história da cultura surda e da comunidade surda, no sentido de preservar e respeitar a singularidade linguística da pessoa com surdez.

Entretanto, vale ressaltar que esse é um campo pedagógico no qual o bilinguismo na educação de surdos desponta como um desafio de uma nova prática pedagógica que contempla a diferença linguística como condição bilíngue para a aprendizagem dos surdos.

Nesse contexto, foram observadas três aulas nas quais o uso das mídias (TV-pendrive, o data show e o computador, internet) se fizeram presentes. Vale lembrar a relevância da imagem e do visual no processo de apropriação de conhecimento de alunos surdos, apesar de alguns professores não reconhecerem o seu valor. Entretanto, a professora de L² se valeu desses recursos conscientemente no sentido de, segundo ela, “valorizar os usos e significações da imagem nos diferentes contextos”. Isso é corroborado por Skliar (2001, p.7), quando diz que “não se trata do ser e não ser da escrita e da leitura e sim do ‘estar sendo’ da escrita e da leitura. (...) Estar lendo e sendo lido. Estar escrevendo e estar sendo escrito”.

Durante a observação das aulas, percebeu-se que a professora inicia sempre com curiosidades trazida pelos alunos, que são contextualizadas e a cada novo vocábulo que nasce desse diálogo, sempre sinalizado em línguas de sinais, é registrado na Língua Portuguesa em um painel que é revisado diariamente. As atividades propostas focam na motivação para elaboração do texto escrito, daí a utilização do computador e de alguns softwares livre que dispõe de recursos visuais, os quais estão presentes no processo de letramento de surdos. A prática pedagógica proposta pela professora de L² permite que o sujeito faça uso constante da imagem na produção textual, com indicativos da aprendizagem da escrita da Língua Portuguesa que se apresenta pela produção de palavras que são do domínio do sujeito da aprendizagem.

Observa-se ainda que a professora de L² na tentativa de reduzir os impactos desse contexto investe na leitura da própria língua de sinais. Quadros (2006, p. 30) diz que “ler os sinais vai dar subsídios linguísticos e cognitivos para ler a palavra escrita em português”. Esses momentos são significativos por oportunizar aos alunos surdos a expressão de suas ideias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências com o mundo que favorecem o processo de aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa.

A escola pode transformar-se em um espaço privilegiado de comunicação profunda, rica, aberta, inovadora, crítica; em um espaço de organizar, num clima de confiança e com a mediação dos professores, o caos informativo, de ideias, de avaliações, que precisamos enfrentar diariamente. (MORAN, 2006, p. 31)

Assim, pode-se inferir que na elaboração da linguagem escrita em momentos de interação com as mídias digitais e ferramentas como *webquests*, apresentações de *power point*, *softwares*, *blogs*, *wikis*, *mensagens de texto*, *mobis*, *pagens*, *bips*, *correio eletrônico*, *uso da web-cam*, dentre outros podem proporcionar novos modelos de ensinar e de aprender, que faz o processo da aprendizagem muito mais interessante e desafiador. Para Moran (op. cit) “a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações”. Este processo enriquece o aprendizado e dá mais significado a ele quando são ensinados conteúdos próximos à sua realidade.

Precisamos dos educadores tecnológicos, para que nos tragam as melhores soluções para cada situação de aprendizagem, que facilitem a comunicação com os alunos, que orientem a confecção dos materiais adequados para cada curso, que humanizem as tecnologias e as mostrem como meios e não como fins. (MORAN, 2006, p. 33)

Para o autor as tecnologias “são meios importantes; caminhos para facilitar o processo de aprendizagem. É importante também inserir as tecnologias nos valores, na comunicação afetiva, na flexibilização de espaço e tempo de ensino-aprendizagem”. (Moran, 2006, p.33)

Em umas das atividades desenvolvidas após explorar a capacidade dos alunos em relatar suas experiências, a professora, propôs uma pesquisa de imagens e palavras, cujo tema era debatido, em um site de busca. Os alunos mantiveram-se motivados na medida em que conseguiam associar sinal (em Libras)-imagem-palavras, assim, produziam seu texto.

São as oportunidades intensas de expressão que sustentam o conhecimento gramatical da língua que dará suporte para o processo da leitura e escrita, em

especial, da alfabetização na segunda língua, o português, considerando o contexto escolar do aluno surdo. (QUADROS, 2006, p. 30)

Desse modo, eles criam sentenças que servem de base para o reconhecimento da leitura e elaboração da escrita com significado, desenvolvendo, assim, a consciência sobre a língua, dentro do princípio da autoria que, segundo Neves (2005), por ser marcada pela diversidade de estratégias intencional, profunda e ética que começa com a exploração (busca de informações em diferentes fontes: livros, TV, internet, rádio, CD-ROMs, DVDs, dicionários, enciclopédias etc.), continua com a experimentação (comparar, argumentar, testar, extrapolar, enfim, descobrir o que fazer com as informações) e conclui com a expressão direta (autoria, em diversas mídias, a partir das informações coletadas, analisadas, contextualizadas e trabalhadas).

Esse emaranhado de linguagens, tecnologias e estratégias didáticas aponta para a frase de Freire (1988, p. 13), que afirma: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. O importante é favorecer que o sujeito de aprendizagem descubra sua “presença criadora e potencialmente transformadora dessa mesma realidade” (FREIRE, op. cit).

4. Considerações Finais

Muitos ouvintes acreditam que “ser ouvinte é melhor que ser surdo”, pois, na visão ouvintista, “ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade 'disponível' para a maioria dos seres humanos”. (SALLES, 2004) Por isso, acredita-se ser este o primeiro desafio para o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita para os Surdos, quebrar o paradigma da deficiência, para enxergá-los sem as restrições de ambos: surdos e ouvintes.

No decorrer da produção deste artigo, ficou claro que a Surdez é apenas mais uma das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois conforme Quadros (2006) e Skliar (2001) ser surdo é apenas ser diferente. A escola e a família precisa reconhecer o sujeito surdo a partir da sua diferença linguística. Isso permite abordar outra cultura, outra identidade e outra

comunidade que tem uma visão diferente de mundo, e isso não significa ser melhor ou pior que a ouvinte.

Outro desafio imposto à aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita para os surdos está na relevância da valorização e reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, a Libras, como sua língua natural. Vale salientar que quanto mais cedo a criança surda adquire a língua de sinais, preferencialmente numa comunidade surda, mas facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte ela terá.

Também se constatou que o uso das mídias digitais como ferramenta pedagógica contribui para o processo Letramento dos Surdos, na aquisição da leitura e da escrita de forma dinâmica e atrativa. A apropriação do sujeito aprendente da tecnologia digital, da leitura e da escrita através de computador e outras mídias auxilia a formação de receptores /usuários críticos e autônomos que, através de uma metodologia adequada e recursos visuais, descobrem e criam suas próprias mensagens e respostas às mídias digitais.

O CAP Aurélio Pires tem buscado desenvolver o Bilinguismo, no sentido de facilitar ao surdo usufruir do mundo da leitura e da escrita a partir de mídias digitais e de tecnologias intelectuais com animação de imagens e sinais gráficos, que facilitem a compreensão para o surdo. Do ponto de vista, metodológico para o Letramento dos surdos, parte-se da Pedagogia da Surda, por considerar que o surdo possui apenas uma diferença e propõe o resgate do sujeito surdo como uma pessoa completa, no qual o bilinguismo desponta como um desafio de uma nova prática pedagógica que contempla a diferença linguística como condição bilíngue para a aprendizagem dos surdos.

Considera-se relevante a continuidade dessa proposta de intervenção, incluindo oficinas aos professores de crianças Surdas, no sentido de romper com o estigma social que envolve a Surdez e o uso da Libras com primeira língua – L¹, o ensino da Língua Portuguesa como L² e o uso adequado das mídias digitais. A intenção desta pesquisa foi a de contribuir para a temática do letramento para surdos com o uso das mídias digitais, um campo ainda pouco explorado nos debates acadêmicos, além de possibilitar, na instituição investigada, um espaço de reflexão, onde educadores pudessem debater e contribuir na educação de crianças surdas. Este espaço ainda precisa ser ampliado tanto nos Centro de Apoio Pedagógico quanto nas escolas regulares. Contudo, está pesquisa provocou discussões possíveis e necessárias para que a educação de

surdos e o uso das mídias digitais no ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita tornem-se pauta nos debates sobre educação.

Referências

BASSO, Idavania M.de S.. **Mídia e educação de surdos: transformações reais ou uma nova utopia?** Florianópolis: Ponto de Vista , n.05, 2003. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/pontodevista_05/06_basso.pdf Acesso em: Out. 2012

BORTOLOTI, Rosa Teresinha. **Libras como possibilidade e alternativa para o ensino da língua portuguesa para o aluno surdo.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1067-4.pdf> Acesso em: Dez. 2012

BRASIL, **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil /** compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/publicacoes/historia-do-movimento-politico-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil> Acesso em: Out. 2012.

FERNANDES, Sueli F. **Educação Bilíngue para Surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.** Curitiba, 2003(Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Paraná) Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24287/T%20-%20FERNANDES,%20SUELI%20DE%20FATIMA%20.pdf?sequence=1> Acesso em: Out. 2012.

_____. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos.** Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: http://www.cultura-sorda.eu/resources/Fernandes_praticas_letramentos+surdos_2006.pdf Acesso em: Out. 2012

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. , 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KARNOPP, Lodenir. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: Fernandes, E. (org.) **Surdez e Bilinguismo.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Alternativas de Letramento para Crianças Surdas: Uma Discussão sobre o Shared Reading Program. In: **Reunião Anual da ANPED**, 30., 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/gt15-3727--int.pdf> Acesso em Ago. 2012

MORAN, José Manuel. Integração de mídias: impressas, eletrônicas e digitais, A integração das tecnologias impressas, eletrônicas e digitais. In: **Debate: Mídias na Educação**, Brasília: MEC/Sead/Salto para o futuro/Tv Escola, 2006. (Boletim 24) Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/175900Midiaeducacao.pdf> Acesso em: Dez. 2012.

NEVES, Carmen Moreira de Castro. **A Pedagogia da Autoria**. In: Boletim Técnico do Senac, v. 31, n.3, set./dez. 2005.

OLIVEIRA, José Carlos de. **Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa por Alunos Surdos: uma Análise Segundo a Teoria de Krashen**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSVC)

PERLIN, Gladis. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P.. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. – Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf Acesso em: Dez. 2012

_____, **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. Disponível em: <http://www.inilibras.com.br/materiais/estudossurdos1A.pdf> Acesso em: Ago. 2012.

RANGEL, Gisele; STUMPF, Marianne R.. **A pedagogia da diferença para o surdo**. In LODI. Ana C. B; HARRISSON, Kathryn M. P.; CAMPOS, Sandra R. Leite de. **Leitura e escrita: no contexto da diversidade**. Porto Alegre; Mediação, 2004.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima [et al.] **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1, Brasília: MEC, SEESP, 2004. . (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lpvol1.pdf> Acesso em: Dez. 2012.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STROBEL, Karin Lílian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

VILHALVA , Shirley. **Pedagogia Surda**. Curitiba: Arara Azul, 2004. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo8.pdf> Acessado em: Set. 2012.